

UM PANORAMA DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS AMAZÔNICO

**Eliabe Procópio¹
Flávia Santos Martins²**

A proposta deste dossiê adota a premissa de que a descrição do português amazônico é uma temática necessária e urgente na agenda da linguística brasileira. O meio acadêmico pouco conhece das variedades amazônicas do português. Esse relativo desconhecimento se deve, em grande parte, à recente implantação dos programas de pós-graduação em letras (PPGL) na região Norte, o que representa a instalação e o desenvolvimento de políticas de financiamento, e a formação de núcleos científicos na área de estudos linguísticos.

O mais antigo PPGL da região é o da Universidade Federal do Pará, criado em 1987. A instalação efetiva e ampla dos PPGL na região Norte começa a ocorrer a partir do ano de 2006 (UFAC) e 2009 (UNIR), e aumenta na década seguinte, por exemplo UFRR (2010), UFAM (2010), UEA (2015), UFT (2015), UNIFAP (2019), UEPA (2019), só para citar alguns dos programas com sede nas capitais.

Esse desenvolvimento recente da pesquisa linguística no Norte também tem como cenário as características geográficas regionais que, por vezes, dificultam a movimentação de pessoal científico, a atração e a retenção de pesquisadores, a criação de novas universidades e a solidificação das instituições já existentes, bem como o fortalecimento de grupos de pesquisa e o trabalho em rede.

¹ Universidade Federal de Sergipe. E-mail: eliabeprocopio@academico.ufs.br

² Universidade Federal do Amazonas. E-mail: flavinhaingrid@yahoo.com.br

Apesar desse cenário desafiador, temos observado o surgimento de excelentes e importantes projetos de pesquisa, publicações e trabalhos monográficos (dissertação e tese) que têm como objeto não só português amazônico, mas também a grande diversidade linguística regional, através de diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Tudo isso se deve aos inúmeros incentivos estatais e institucionais para a pesquisa e o ensino, às parcerias com instituições de outras regiões, e sobretudo ao trabalho sério e à tenacidade dos colegas pesquisadores.

Por exemplo, só neste corrente ano, publicaram-se três dossiês com pesquisas desenvolvidas sobre o cenário linguístico amazônico. São eles:

“Linguagens e diversidades nas Amazôniaas”, publicado pela Revista Muiraquitã, vinculada à Universidade Federal do Acre (UFAC);

“Diversidade Linguística na Amazônia: desafios e conexões, linguagem, discurso e ensino/formação de professores nas Amazôniaas” publicado pela Revista Entreletras, vinculada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT); e

“Pesquisas geolinguísticas e dialetais sobre o português brasileiro”, publicado pela Revista Acta Semiótica et Linguística, vinculada à Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Os dois primeiros dossiês foram propostos por membros do GT Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira (ELIAB-ANPOLL) e o terceiro foi proposto por grupos de pesquisas da região Norte, assim como é este presente número temático que surgiu do contato entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima (NEPSOL-UFRR) e o Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas (GELAM-UFAM). Essas parcerias exemplificam que

o trabalho em rede tem sido muito salutar à pesquisa na região Norte, em especial na integração de equipes das universidades amazônicas a projetos nacionais, como o Para a História do Português Brasileiro (PHPB), o Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) e Pró-norma plural: do continuum fala-escrita para a norma-padrão.

Propomos este dossiê, “descrição do português amazônico”, com o objetivo de contribuir com a divulgação e a socialização de trabalhos sobre o português brasileiro, em especial as variedades nortistas.

Após um rigoroso processo editorial, este dossiê conseguiu reunir 14 pesquisas que descrevem o português falado e escrito, sobre os diferentes níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical) e em diversas abordagens teóricas, sob a perspectiva sincrônica ou diacrônica.

Este dossiê conta com a participação de colegas de dez instituições brasileiras, que são: Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e Universidade de Pernambuco (UPE).

O sumário deste dossiê segue uma ordem por níveis linguísticos.

Os dois primeiros artigos deste número descrevem características fonético-fonológicas do português falado na região amazônica.

No primeiro artigo, **A nasal palatal no sul amazonense**, Edson Galvão Maia (IFAM) mostra que há diferenças dialetais na realização do fonema /ɲ/ no Sul do Amazonas, que pode ser articulado como uma semivogal nasalizada, palatal mesmo ou ainda apagada. O autor apresenta outros resultados quanto à

circunscrição geoletal e aos contextos fonéticos de cada uma dessas articulações. E no segundo artigo, **Estudo geossociolinguístico sobre a realização dos ditongos /ai/, /ei/ e /ou/ no falar amapaense**, Antony Guilherme Baia Xisto, Nicole Abreu Figueiredo Correio e Romário Duarte Sanches caracterizam esses ditongos em três cidades amapaenses, são elas Macapá, Santana e Mazagão. O resultado principal mostra grande manutenção dos ditongos /ai/ e /ei/ em Macapá e Santana, e o forte apagamento do ditongo /ou/ em Mazagão. Essa variação é cotejada por outros critérios, como o diageracional e os diastráticos.

Os quatro artigos seguintes descrevem características morfológicas e morfossintáticas do português falado na região amazônica.

No terceiro artigo, **A concordância verbal em P4 no português mazaganense: uma abordagem sociolinguística**, Elzeny Monteiro Baía Cardoso e Celeste Maria da Rocha Ribeiro discutem esse tipo de variação pronominal em um contexto que envolve remanescentes quilombolas e mostram que a preferência é pela aplicação da regra de concordância, conforme indicam 80% do dados que foram processados pelo Goldvarb, junto com critérios como tempo verbal, escolaridade e idade. No quarto artigo, **Cartas comerciais manuscritas do século XIX: descrição da concordância do participio em estruturas do tipo ter/haver**, Sabriny Marya Pantoja Rodrigues e Grace dos Anjos Freire Bandeira extraem seu cópulus de manuscritos oitocentistas do Arquivo da empresa J.G.Araújo e analisam a concordância do participio em construções com os verbos ter/haver no português registrado na Amazônia do século XIX. Para tanto, usam uma perspectiva sociofuncionalista e demonstram a predominância da regra mais contemporânea (sem concordância), porém indicam que também há ocorrências de uma sintaxe mais arcaica (com concordância). No quinto artigo, **O sujeito expresso e nulo: amostras do projeto FAMAC**, Isa Cristina Barroso

Pereira e Ana Carolina Ferreira Alves usam o corpus ‘Fala Manauara Culta e Coloquial’ (FAMAC) para confirmar resultados de outras pesquisas brasileiras sobre a mesma temática, ratificando que o sujeito preenchido é o mais comum no falar manauara. E no sexto artigo, **A variação pronominal tu/você no português falado em Roraima**, Laeny Amaral de Sousa replica a metodologista variacionista na descrição da variação pronominal do falar roraimense, e atesta um uso majoritário do pronome ‘você’. Para sua pesquisa, a autora extrai seus dados de entrevistas de podcast, disponíveis no Youtube.

Os seis artigos subsequentes descrevem características lexicais do português falado na região amazônica.

No sétimo artigo, **Um estudo lexical sobre o campo semântico “fauna” nos dados do Atlas Linguístico do Amapá**, Lorem Carla Pontes Pereira, Letícia Lobo Melo, Romário Duarte Sanches empregam o método geolinguístico e o questionário semântico-lexical (QSL) do ALIB, para identificar variantes dos seguintes itens: bicho de fruta, cotó, galinha d’angola, manco, sanguessuga e úbere. No oitavo artigo, **Denominações para ‘feitiço’ no falar amazônico: um estudo a partir de dados do Projeto ALIB**, Geisa Borges da Costa replica também a metodologia do ALIB para identificar variantes dos seguintes itens: macumba, despacho, feitiço, trabalho, bruxaria e mandinga. No nono artigo, **Denominações para ‘lombo’ nas regiões Norte e Nordeste do Brasil: contribuições do ALIB**, Karoline Espíndola e Felício Wessling Margotti igualmente replicam a metodologia do ALIB e identificam as formas lombo, costas, espinhaço, barriga, meio, costela, dentre outras. Os dados são apresentados em tabelas e mapas, o que facilita o estudo da variação dialetal na perspectiva geográfica. No décimo artigo, **Variação lexical na região de tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru**, João Bosco Martins D’Ávila e Valter Pereira Romano, assim como os autores

anteriores, usam a metodologia do ALIB para descrever as variantes de ‘tangerina’, ‘macaxeira’ e ‘menino’, cujo coleta identifica a presença de lexias oriundas do espanhol, língua falada pelos países vizinhos. No décimo primeiro artigo, **Diversidade linguística em Mazagão Velho: o caminho, a mãe, os irmãos**, Marilucia Oliveira, Ana Paula Tavares Magno, Marcelo Pires Dias, Fábio Luidy de Oliveira Alves enveredam pela Dialectologia e empregam questionários do ALIB para descrever variações em comunidades quilombolas na localidade de Mazagão Velho, Amapá. Os itens pesquisados são três: caminho de Santiago, mãe de mama e irmãos de mama. No décimo segundo artigo, **Edição e estudo toponímico do ‘Auto de Inquirição de Testemunhas’ (1775)**, Eliabe Procópio e Sandro Marcio Drumond Alves Marengo apresentam uma edição semidiplomática do referido manuscrito, que integra o *Cópus Histórico do Português de Roraima (Séc. XVIII)*. Além de discutir o conceito transplantação linguística, os autores extraem dados dessa edição para descrever o cenário lexical dos primeiros contatos linguísticos e resenhar a proposta de um glossário setecentista da toponímia do português roraimense.

Os dois últimos artigos seguem outras perspectivas teóricas para descrever o falar amazônico.

No décimo terceiro artigo, **Caminhos para a compreensão do falar roraimense: avaliação sociolinguística de como os falantes “acham” que falam**, Marcus Garcia de Sene discute a percepção sociolinguística de roraimenses sobre o falar local. Para tanto, o autor desenvolveu e aplicou um questionário virtual para captar crenças, reações subjetivas e atitudes desse público regional. Com isso, ele confirma as matrizes dialetais do falar roraimense e identifica a crença de que o falar roraimense ‘é uma mistura de sotaques’. No último artigo, **Amstras de textos jornalísticos roraimenses: da organização do material à**

identificação de características linguísticas, Lana Camila Santos Gonçalves e Caroline Carnielli Biazolli apresentam as bases teóricas e os procedimentos metodológicos da construção de um *cópus* de textos jornalísticos roraimenses, elaborado com base no principal jornal local, que é a Folha de Boa Vista.

Dos sete estados que compõem a região Norte, três estão representados diretamente com suas pesquisas neste volume. São eles Amazonas, Amapá e Roraima. Os demais estados aparecem em dados indiretos citados pelos pesquisadores.

Este dossiê é um marco bibliográfico em conjunto com as outras empreitadas editoriais que citamos, pois demonstra a vivacidade da pesquisa linguística na região amazônica, em especial a descrição das variedades linguísticas do português nortista.

Agradecemos o espaço da **Revista Textura** e aos colaboradores, autores e pareceristas.

E desejamos boa leitura!